



CONTRIBUIÇÃO DE MANOEL BOMFIM À EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Cláudia Virgínia Albuquerque Prazim da Silva
claudiaprazim_@hotmail.com
Sabrina Carla Mateus Façanha
sabrina_facanha@hotmail.com
(UFPB)

Resumo

Este artigo analisa algumas contribuições do intelectual Manoel Bomfim para a Educação brasileira, utilizando as abordagens biográfica e bibliográfica no contexto histórico-cultural do Brasil e da América Latina. A sua obra “A América Latina: males de origem” visa a busca da imparcialidade científica e as exigências de posicionamento intelectual em defesa da nação e da autonomia pessoal. Bomfim visualiza a educação como o caminho para a libertação da sociedade e para o progresso social.

Palavras-chave: Manoel Bomfim. Educação. Progresso social.

É sua extraordinária capacidade de indignação e de esperança. É a sua certeza de que esse é um país viável.
(Darcy Ribeiro)

Manoel José Bomfim foi bastante adjetivado por diversos estudiosos, José Carlos Reis o menciona como um otimista revolucionário e ao mesmo tempo ingênuo, Darcy Ribeiro não poupa elogios para o mesmo classificando-o como fundador da antropologia do Brasil e dos brasileiros, Aluísio Alves Filho classifica Bomfim como um intelectual que se colocou a serviço do combate contra os privilégios da minoria. Entre acertos e tropeços suas obras ainda são lidas e fazem parte da formação de muitos estudiosos.

Um artigo publicado por Ângelo Priori & Vanessa Candeloro (2009) traz informações preciosas sobre a biografia e bibliografia do intelectual Manoel Bomfim as quais tomarei por base e complementarei com outras fontes.

Bomfim é natural de Sergipe, nasceu em agosto de 1868, iniciou a faculdade de medicina na Bahia aos dezessete anos de idade concluindo o curso no Rio de Janeiro em 1890. Após 1894 abandonou a medicina por motivo pessoal, passando a se dedicar aos estudos sociais e a





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

educação. Escreveu artigos para jornais sempre voltados ao interesse popular, deu aulas particulares e revisou provas tipográficas.

Em 1896, Manoel Bomfim foi convidado pelo prefeito do Rio de Janeiro, Francisco Furquim Werneck de Almeida para ocupar o cargo de subdiretor do Pedagogium (Museu pedagógico criado em 1890 na cidade do Rio de Janeiro. Em 1897 o local foi transformado em um centro de cultura superior e em 1906 recebeu o primeiro laboratório de psicologia experimental do Brasil). Em 1897 Bomfim tornou-se o Diretor Geral do Pedagogium, o que fez com que iniciasse sua atuação no magistério. Dirigiu o local por 15 anos.

A partir destas experiências, Bomfim se defrontou com a realidade do ensino público brasileiro que estava em péssimas condições, iniciou estudos sobre as raízes das limitações educacionais e por consequência as limitações sociais do Brasil vigente.

A sua passagem pela política foi rápida, em 1907 tomou posse do cargo de Deputado Federal substituindo Oliveira Valladão, que havia renunciado ao cargo de deputado para ocupar outra função no poder, a de senador. Posteriormente Bomfim tenta reeleição, mas não obtém êxito nos resultados se desinteressando pela política e se dedicando à produção literária.

Bomfim escreveu obras de cunho didático, sociológico, historiográfico, psicológico entre outros. Manoel Bomfim faleceu aos 64 anos, em abril do ano de 1932, no Rio de Janeiro, algumas das obras deixadas à cultura brasileira são: Compêndio de Zoologia geral (1902), O fato psíquico (1904), América Latina: males de origem (1905), Lições de pedagogia (1915), Noções de Psicologia (1916), Lições e leituras para o primeiro ano (1922), Lições e leituras: livro do mestre (1922) e Crianças e homens (1922), Pensar e dizer: estudos do símbolo e do pensamento (1923), Métodos do teste: com aplicações à linguagem do ensino primário (1928), O Brasil na América (1929), O Brasil na História (1930), O Brasil Nação (1931) e Cultura e educação do povo brasileiro (1931). Além das obras que escreveu juntamente com Olavo Bilac que tiveram influência na formação inicial de várias gerações: Livro de composição para o curso complementar das escolas primárias (1899); Livro de leitura para o curso complementar das escolas primárias (1901) e Através do Brasil: livro de leitura para o curso médio (1910).





Contexto histórico de Manoel Bomfim

Bomfim viveu em um período conturbado no Brasil, em 1889 o monarca Dom Pedro II foi deposto e os republicanos lideraram um golpe militar com o apoio dos cafeicultores paulistas que ansiavam por maior participação política. Deste modo o país que passava por um período transitório (monarquia/república) colocava no poder seu primeiro presidente e tornava-se a República dos Estados Unidos do Brasil.

O intelectual também vivenciou o novo século XX, que traria consigo profundas modificações na esfera política, social, econômica etc. Em 1910, as conjunturas econômicas e sociais iniciaram a sua sedimentação. Destaca-se: o crescimento da zona urbana, a chegada em larga escala dos imigrantes europeus, a introdução das ideias anarquistas, a organização da classe operária. Apesar disto, Ronaldo Conde Aguiar (2005) salienta que não existia de fato nesta época uma classe operária no Brasil, pois não havia organização desta classe e, sobretudo não havia também consciência política devido ao quadro instrucional apresentado pela população brasileira. Reforça Aluísio Alves Filho:

Há pouco mais de uma década fora abolida a escravidão e proclamada a República. Havia no país um imenso número de analfabetos impedidos de se valer na plenitude da cidadania, marginalizados que estava, pela total falta de escolaridade e inclusive excluídos do direito ao voto pela Constituição de 1891. (2008:60)

Na década de 20, a última totalmente vivida pelo intelectual devido ao seu falecimento no início da década de 30, as transformações que ocorreram foram, sobretudo de dimensão global tendo em vista a saída da Primeira Guerra que afetou a economia mundial. A política interna do Brasil estava insatisfeita com os “mandonismos” locais, o mercado brasileiro começava a se voltar para as necessidades interiores. Ainda em 1922 surge o Partido Comunista Brasileiro formado pelos operários opositores da oligarquia e destaca-se também a Semana da Arte Moderna que se respaldava em “ver o Brasil para dentro”, o sentimento nacionalista tomava conta das inspirações





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

elitistas, não sendo este sentimento abrangente a massa popular, porém não irei me deter nesta discussão.

Segundo Priori & Candeloro a busca da identidade nacional brasileira no século XX foi o “debate da vez”. Intelectuais como Oliveira Viana e Silvio Romero bem como outros percebiam na miscigenação das raças os males da nossa sociedade e o motivo do nosso subdesenvolvimento, com isso tinham vários seguidores que compartilhavam do mesmo raciocínio. Em contrapartida Bomfim defendia que a miscigenação das raças traria uma força singular para o nosso país, logo seria fundamental buscar em nossas raízes o sentido e força para alavancar o progresso, sobretudo buscar os verdadeiros motivos pelos quais o país apresentava grandes males.

Esta ideia custou a Bomfim duras críticas elaboradas pelos seus contemporâneos e sucessores, e de acordo com Alves Filho muitas vezes as críticas vinham de “estudiosos” que nem sequer o leram Manoel Bomfim como é o caso de João Mendonça de Souza:

[...] critica Bomfim com base no que Sílvio Romero escreveu sobre o seu conterrâneo Manoel Bomfim, mas de forma evidente sem ter lido um livro do autor de *A América Latina: males de origem*. O resultado é deveras desastroso. (2008:52)

A discussão sobre a superioridade das raças como causa da degeneração latino-americana, ressaltamos, era um dos grandes debates do início do século XX. Ainda de acordo com Alves Filho, enquanto estudiosos como Oliveira Viana, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Silvio Romero preocupavam-se em explicar o atraso do país, os males que assolavam a nossa sociedade justificando que devia-se à mistura das raças que compunha o Brasil e mas amplamente a América Latina, Bomfim refutava tal ideia, considerando que não havia qualquer ligação com as características biológicas herdadas na miscigenação do povo brasileiro o atraso nacional. Bomfim percebia como algo ideário a crença em tal concepção.

Destacamos também nas palavras de Alves Filho: apenas em um ponto Manoel Bomfim – ironicamente – se colocava de acordo com os teóricos da superioridade racial: ‘Em crueldade, raça nenhuma igualará jamais, as brancas da Europa; esta superioridade é incontestada’ (2008:43)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Os considerados ensaístas e ensaios literários para definir nossa identidade eram recorrentes neste início de século XX. Por isso, além da procura de uma identidade nacional a elite intelectual buscava firmar o seu espaço no campo das ideias.

Centrar-me-ei essencialmente no livro de Manoel Bomfim *A América Latina: males de origem* (1905, 4 ed. 1993) para traçar uma breve contextualização histórica sobre o período de colonização da América Latina/Brasil, as consequências desta colonização européia na ótica de Bomfim e também por ser uma de suas obras mais relevantes cuja qual se pode observar suas concepções em relação a assuntos polêmicos até os dias atuais.

Contextualização histórico-cultural da América Latina e do Brasil

Manoel Bomfim escreveu a obra *A América Latina: males de origem* para atender a uma solicitação de um jornal parisiense que pedia que o intelectual esclarecesse os problemas gerais que a América Latina enfrentava. Foi então que Bomfim, residente em Paris na época, refletiu sobre o assunto extenso e complexo que é a colonização ibérica na América. Na obra, o intelectual apesar de reconhecer o atraso da região latino-americana, e consequentemente do Brasil, ressaltava que a realidade vigente provinha de uma história de horror que nos foi posta forçosamente, expressando corajosamente o seu amor pela pátria de origem e crença em seu progresso, apontando a instrução do povo como meio fundamental para reverter o panorama de atraso nacional generalizado.

Resumir a colonização européia na América Latina a partir de Manoel Bomfim é mencionar algumas palavras-chaves: parasitismo, sedentarismo, violência e degeneração. Em seu livro o autor discorre que o povo europeu já sabia da existência da América Latina, sabiam que ela era povoada por “gente espanhola”, que havia riqueza no continente e que sua população era revoltosa. Porém tudo soava como um grande mito sem muito encantamento, pois não sabiam quais riquezas continham este continente quem era esse povo revoltoso e porque praticavam tais revoltas.

A imagem que os europeus faziam do povo latino-americano, para Bomfim, nada mais era do que o exercício de um domínio ideológico, a imposição de inferioridade facilitaria o domínio





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

sobre os latinos. O modo como fomos julgados pelos europeus durante séculos seria uma das causas de nossas fragilidades social refletindo na nossa formação e inclusive no sentimento de ser latino-americano e especificamente brasileiro. Um povo rodeado de riquezas que geraram lucros incontáveis às suas metrópoles eram taxados de indolentes, degenerados, selvagens entre outros adjetivos negativos, e para Bomfim isso era uma anomalia, uma pseudoverdade que nos foi apresentada, sobretudo que era incompatível com nossa realidade.

A partir deste contexto o intelectual buscava justificativas para a causa do nosso atraso recontando a história da colonização do continente americano em uma perspectiva histórica diferenciada dos debates e justificativas da época como já foi mencionado anteriormente. Entretanto é preciso lembrar, como enfatiza Alves Filho (2008) que Manoel Bomfim não visava desmerecer o povo europeu, até admirava o seu pioneirismo e eficiência nas descobertas marítimas. Entretanto, cabia-lhe analisar a colonização européia na América Latina e o que o seu exercício acarretou para o nosso povo.

Bomfim ressalta em sua obra que a Europa considerava que o continente americano só não era totalmente desmoralizado devido à atuação e presença dos Estados Unidos, caso contrário o continente estaria barbarizado. Ademais, os Estados Unidos além de representar o continente americano compartilhava do mesmo pensamento de superioridade dos povos europeus em relação ao povo latino-americano: povo selvagem e sem qualquer organização de nação. Por outro lado, ressalta-se que o tipo de colonização não exploratória que os Estados Unidos tiveram em sua origem, era diferencial para qualquer outra parte do continente americano, poderia “justificar” sua postura de superior em relação ao resto do continente. Após conquistar a sua independência e em consequência da colonização vigente nos Estados Unidos, o país teve um Estado voltado para suprir as necessidades do povo estado-unidense, o progresso coletivo era a sua meta. Destaca-se:

Não foram também colônia os Estados Unidos, que se organizaram por si mesmos, e nos quais o Estado se constituiu, desde logo, qual devera ser: um simples órgão da nação, inspirado unicamente nas suas necessidades, defensor dos interesses sociais e propugnador do bem público, preparando logo para os cidadãos o máximo de atividade, competência e livre iniciativa. (BOMFIM, 1993, p.191)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Enquanto isso os outros países da América, os que passaram por um processo de colonização exploratória, Bomfim percebia que havia um perfil comum de suas sociedades: certo mal estar e desânimo, de uma desorientação e fraqueza generalizada, que atingia a todas as classes.

Discorrendo sobre o parasitismo mencionado por Bomfim, a colonização latino-americana se traduz essencialmente em duas nações européias: Portugal e Espanha. Ambas dedicaram parte da sua história explorando, escravizando e violentando povos de diferentes continentes do mundo, entre eles, os latinos. Enquanto Portugal sugava todas as riquezas dos povos do oriente e posteriormente do ocidente, a Espanha se dedicava a América Latina. Não havia maiores diferenças nos objetivos das então potências mundial, apenas as relações estabelecidas entre as mesmas e as nações chamadas por Bomfim de “presas”: Portugal tirava tudo de suas presas, mas depois às libertava para procurá-las novamente quando fosse de sua conveniência. Enquanto isso, a Espanha além de tirar tudo de suas presas às aniquilavam. Embora Portugal e Espanha traçassem caminhos diferentes o destino era o mesmo: depredação sanguinária, roubo de terras, de riquezas naturais e desmoralização do povo explorado.

Porém, Bomfim faz uma analogia no livro *A América Latina: males de origem* através da representação biológica: a sociedade é comparada a como um sujeito se comporta perante a doença. Ronaldo Aguiar (2005) ressalta que em seus estudos sobre Bomfim é possível chamar a atenção para a distinção entre parasitismo biológico e parasitismo social, o primeiro sendo colocado por Bomfim como algo que não tem cura e o segundo como algo curável podendo ser estripado pelos próprios parasitados.

A relação de parasitas (colonizadores) e parasitados (o povo latino), é por vezes citada no livro o qual já mencionamos. Em síntese, para Bomfim, o parasita pode até ser soberano por um determinado tempo, mas esta relação é passível de um esgotamento, seja devido ao parasitado padecer ou porque simplesmente ele não “interessa” mais ao parasita. Isto se traduz quando Bomfim cita que a Espanha consegue, por exemplo, sumir com duas sociedades (Incas e Astecas) em pouco menos que 30 anos. Enquanto isso Portugal explora todas as riquezas das Índias e quando ela perde o controle sobre a mesma passa a explorar o Brasil e em paralelo lidera o tráfico negreiro construindo uma história de horror no continente africano.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A despeito deste panorama, sua angústia estava na representação do comportamento do povo latino como uma herança adaptada, herança proveniente de situações de guerra, exploração, corrupção, de submissão, de domínio ideológico de uma minoria sob uma maioria. O povo latino continuava reproduzindo o que teria sofrido e era preciso se livrar disto através de uma grande revolução educacional. Os sentimentos negativos haviam sido disseminados nas origens de nossa história, a sensação de inferioridade nos foi passada, para Bomfim, a partir de uma manipulação ideológica.

Para tanto, como Bomfim mencionou em sua analogia biológica a situação de parasitismo não duraria para sempre. Esta relação apresentaria duas faces, no ponto alto da história de exploração, Portugal e Espanha de supremas passariam a ser decadentes, de soberanas a nações em declínio. Este declínio acarretou em atrasos social, cultural, científico etc. Enquanto a cultura moderna se estruturava, Portugal e Espanha estavam voltadas para ocupações de cunho exploratórios:

[...] A Espanha não é hoje a sombra, sequer, do que foi no século XVI. Então ela era a primeira entre as nações da Europa; depois, enquanto as outras continuavam a progredir, mantendo, com pequenas alternativas, a sua posição no conjunto mundo civilizado, a Espanha entrou a atrasar-se, até vir figurar entre as mais fracas e mesquinhas das nações cultas. [...] O progresso geral continua; agora, é a ciência, a filosofia, o estudo direto da natureza; e, enquanto outros povos se matêm participando do progresso científico e artístico do século, a península declina. [...] não se vê um só nome espanhol ou português entre os homens que fundam a cultura moderna e dominam a natureza, ou aqueles que refazem a filosofia racionalista, que iluminará as gentes na conquista da justiça e da liberdade. (BOMFIM, 1993:55)

E ainda, Portugal estava estagnado porque se centrava em apenas sugar suas colônias. A agricultura de seu país encontrava-se abandonada, os escravos tomaram conta do trabalho doméstico e representavam parte da população da capital, os estrangeiros administravam a parte industrial, leis começam a vedar os hábitos de luxo da população exploradora. Tudo porque o parasitismo já era como qualquer coisa normal em seu cotidiano, explorar era mais fácil que trabalhar. Porém Portugal não tivera parado para observar que sua presa (Brasil) era desproporcional ao seu potencial.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Lisboa regurgitava de pobres, e morria gente de fome pelas ruas. As ordens religiosas – quintessência do parasitismo – incharam até serem donas da terça parte do reino... Os colégios (dos jesuítas) transformaram-se em sociedades mercantis... O embaixador português, em Roma, recebia honorários em saques sobre os jesuítas [...] (Bomfim, 1993, p.111)

Apesar de o declínio chegar para as nações da península acarretando em uma forte estagnação social de três séculos, Bomfim revelou que os males que esta colonização estabeleceu refletem visivelmente na nossa cultura, na concepção que temos de sermos latino-americano, de sermos brasileiros. Por isso, a proposta de Bomfim para amenizar essas impressões negativas seria a educação. Só a educação era capaz de reverter o quadro vigente. No decorrer do tempo a sua concepção sobre tal revolução educacional vai estabelecendo não como algo impossível, mas como um tanto difícil de acontecer tendo em vista que o Estado estava voltado para interesses elitistas, concentrado na minoria e sem qualquer intenção de melhorar a qualificação instrucional da massa.

A educação como meio de transformação e progresso social

Seria difícil chegar ao ponto pelo qual este artigo está intitulado sem percorrer toda trajetória apresentada anteriormente. Percebe-se através de histórias de grandes nações que olhar atencioso para a educação é o desfecho e “solução” para as transformações positivas e progresso em qualquer nação e por isso, o que Bomfim almejava para o Brasil não podia ser diferente.

Manoel Bomfim percebia na educação o caminho para a libertação da sociedade, para o progresso social. Segundo Aguiar (2000), o interesse de Bomfim pelos assuntos educacionais se iniciou com a leitura do Report of the Commissioner of Educations, que era um estudo de instrução educacional de trinta países situados no continente americano no qual o Brasil ocupava o terceiro pior índice de escolaridade. Seus estudos sobre tal posição do seu país de origem fizeram com que Bomfim buscasse nas raízes do seu povo as respostas por apresentar o perfil que o inquietava.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A contextualização histórica facilita a compreensão da importância que Bomfim dava a educação traduzida na apropriação da instrução da sociedade, apenas cerca de 10% dos brasileiros eram alfabetizados no início do século XX. Percebeu mencionando em seu livro *A América Latina: males de origem*: nações fortes conquistam as mais fracas. Para o intelectual o forte e o fraco não se limita ao embate de força, e sim poder e manipulação do conhecimento. Como pode nações tão pequenas como Portugal e Espanha dominarem continentes? Retomamos a explanação inicial para tentar justificar segundo a perspectiva de Manoel Bomfim, o poder exercido era exatamente através do domínio ideológico, a imposição de situação de inferioridade; um povo desprovido da instrução acredita que realmente é inferior e assim passa a agir deste modo. Para Bomfim, parecia até uma anomalia os latino-americanos disporem de tanta riqueza e não estar em situação de progresso.

São povos que possuem todos os elementos para ser prósperos, adiantados e felizes, e que, no entanto, arrastam uma vida penosa e difícil: e por quê? ... É diante desta anomalia, desconcertante para muita gente, que os estadistas de vista curta emitem os seus famosos axiomas: o mal vem da instabilidade dos governos, das revoluções freqüentes, da irregularidade do câmbio, do papel-moeda inconvertível, da falta de braços... É toda a série de sintomas de atraso, apresentados como causa (BOMFIM, 1993, p.50)

Por isso Bomfim acreditava que só através da educação poderia haver um progresso significativo. Por isso, é considerado um dos idealizadores da educação brasileira, sobretudo porque se preocupava com educação de base, a educação escolar. Alves Filho destaca:

A educação que Bomfim priorizava era a popular (instrução pública, no dizer de sua época). Só pela expansão da rede de ensino público de qualidade é possível criar cidadania e, dessa maneira, possibilitar que os homens, conscientemente, tornem-se senhores do seu próprio destino, construindo uma democracia não apenas formal, mas chamada de democracia radical, em que os governantes executam o que corresponde aos interesses objetivos de uma vontade geral construída por cidadãos responsáveis que possuem conhecimentos suficientes para entender a coisa pública. (2008, p. 80).

Para Bomfim, a escola pública deveria ser defendida como um instrumento eficaz de cidadania, então poderia se pensar em progresso na República nascente. Com a população





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

instruída, a autonomia pessoal seria desenvolvida. A sociedade democrática seria construída a partir da expansão da escola pública, a acessibilidade ao saber transformaria o futuro e a postura dessas nações exploradas, porém investir não só na educação das crianças, sobretudo na educação dos adultos que apresentava um quadro caótico e que deveriam representar a parte participativa nos rumos da nação.

A escola se ocuparia de difundir a evolução moral para assim formar novos homens e, por conseguinte uma nova sociedade de classes. Certamente, Manoel Bomfim sonhava alto e reconhecia isso nas palavras presentes em suas obras.

Aguiar (2005) expõe um comentário pertinente em relação à proposta educacional de Bomfim, que o intelectual propôs uma educação conscientizadora e não uma educação voltada para a transmissão de informações, e ainda destaca: “temos ainda a conferência que ele fez na Escola Normal, conferência intitulada O respeito à criança. [...] uma conferência feita no temo da palmatória Bomfim defende a liberdade das crianças se expressarem abertamente em sala de aula” (2005:23). Porém seu tropeço estava justamente na anulação do que acreditava: “Como fazer uma educação conscientizadora numa sociedade que segundo Manoel Bomfim era dominada por uma classe dirigente?” (2005:21) Assim, Bomfim percebia as lacunas que compunha seu sonho e o que fazia com que parecesse uma mera utopia.

Considerações Finais

Manoel Bomfim sem dúvida contribuiu para introduzir princípios no âmbito educacional da época, idealizando a acessibilidade escolar para todo e qualquer brasileiro, acreditando no desenvolvimento da autonomia pessoal através do acesso a instrução. O seu ideal soava e ainda soa como utópico, o próprio Bomfim reconhecia isto nos dizeres do seu livro, ressaltava: “A utopia é o princípio de todos os progressos e o esboço de um futuro melhor” (1993:351). Além de parecer um desejo utópico também se assemelhava segundo Alves Filho (2008) com uma leitura ingênua e tradicionalista, pois estaria na mesma linha do pensamento conservador de ver na educação a “saída” dos problemas nacionais, mas o contrário do que possa transparecer Bomfim de nada tinha de tradicional ou conservador.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Pode-se dizer que a elevação da instrução populacional é um debate inflamado, porém que ainda continua em pauta, ou seja, a qualificação e acessibilidade do conhecimento ainda esbarram em uma série de limitações burocráticas, de gestão, de interesses políticos, da própria oportunidade de acesso da população etc. Compartilho das palavras de Aguiar (2005) de que Manoel Bomfim não era um homem a frente do seu tempo, ninguém o é, apenas era oportuno não investir em suas ideias. E é perante estas e tantas outras contribuições que Manoel Bomfim nos proporciona através de suas obras que devemos mergulhar profundamente em sua produção literária. Evidentemente, não procurei neste presente trabalho discorrer sobre suas falhas e tropeços que certamente existem e que diversos intelectuais já expuseram de maneira pertinente e outros de modo equivocado no decorrer do século XX e ainda atualmente. O objetivo maior foi a tentativa de expor seus pensamentos relacionados à educação, pensamentos estes que considero ter sido lamentavelmente sufocado em sua época e que ainda permanecem na atualidade impraticáveis para determinadas nações, inclusive o Brasil, atrasando o progresso pessoal e social do nosso país.

Referências

AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

_____. Sobre a presença de Manoel Bomfim no pensamento social brasileiro, no comentário de *A América Latina: males de origem*. In: Achegas. N.31, 2005. <www.achegas.net/numero31>. Acesso em: 28 jul. 2009.

ALVES FILHO, Aluísio. *Manoel Bomfim: combate ao racismo, educação popular e democracia radical*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. 4. ed. Rio de Janeiro: Toobooks, 1993.

REIS, José Carlos. As identidades do Brasil 2. In: _____. *Civilização Brasileira e Otimismo Revolucionário (Ingênuo): Manoel Bomfim e o sonho da República soberana e democracia*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BORGES, Roselania Francisconi; BOARINI, Maria Lucia. A pedagogia de Manoel Bomfim: uma proposta higienista na educação. <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/429RoselaniaBorges_e_MariaBoarini.pdf>. Acesso em: de jun. 2009.

PRIORI, Ângelo; CANDELORO, Vanessa Domingos de Moraes. A utopia de Manoel Bomfim. In: REVISTA ESPAÇO ACADÊMICO. N.96, 2009. <http://www.espacoacademico.com.br/096/96esp_priori.htm>. Acesso em: 02 jun. 2009.

